

RESERVADO

4708

B. N. L.

Soares & Mendonça
Cat. 35, N.º 419

Res
4708 P

EX-LIBRIS



A. Moreira Cabral

PORTO

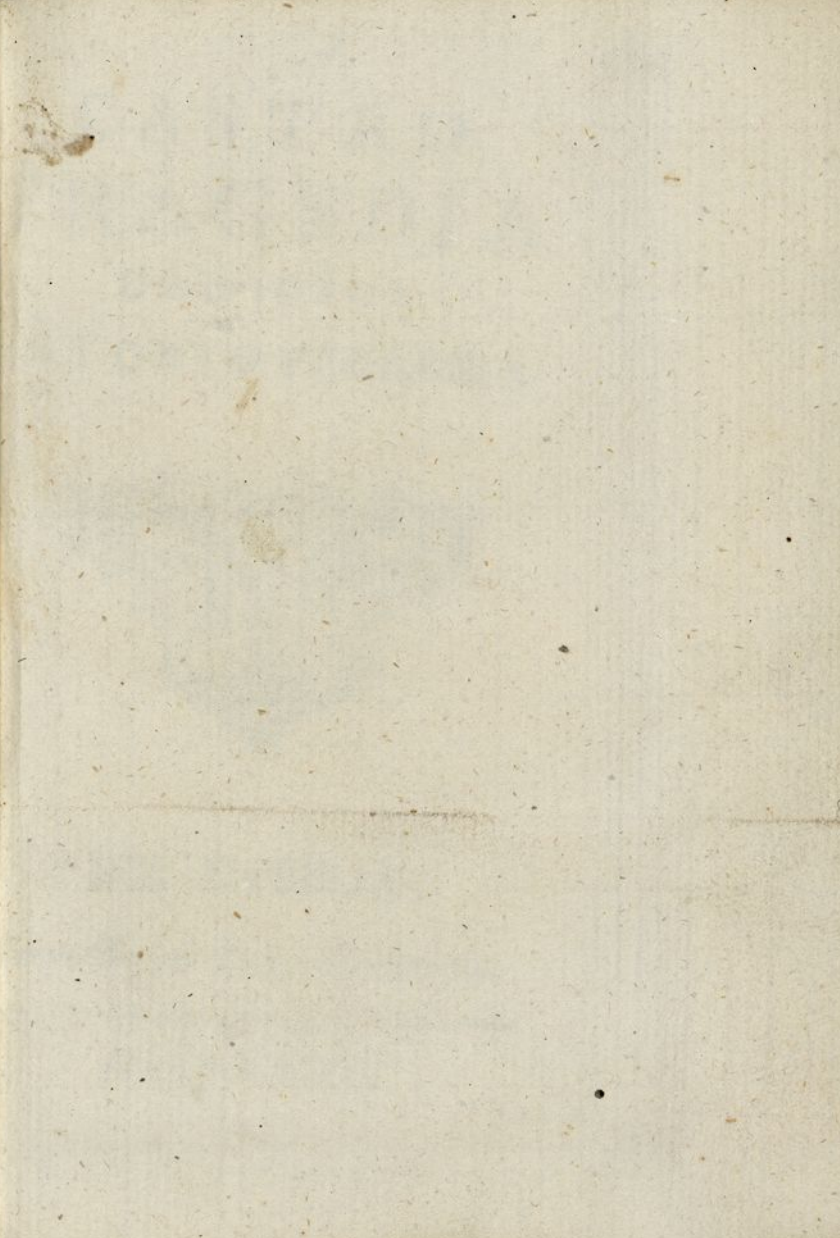
Microfittina da

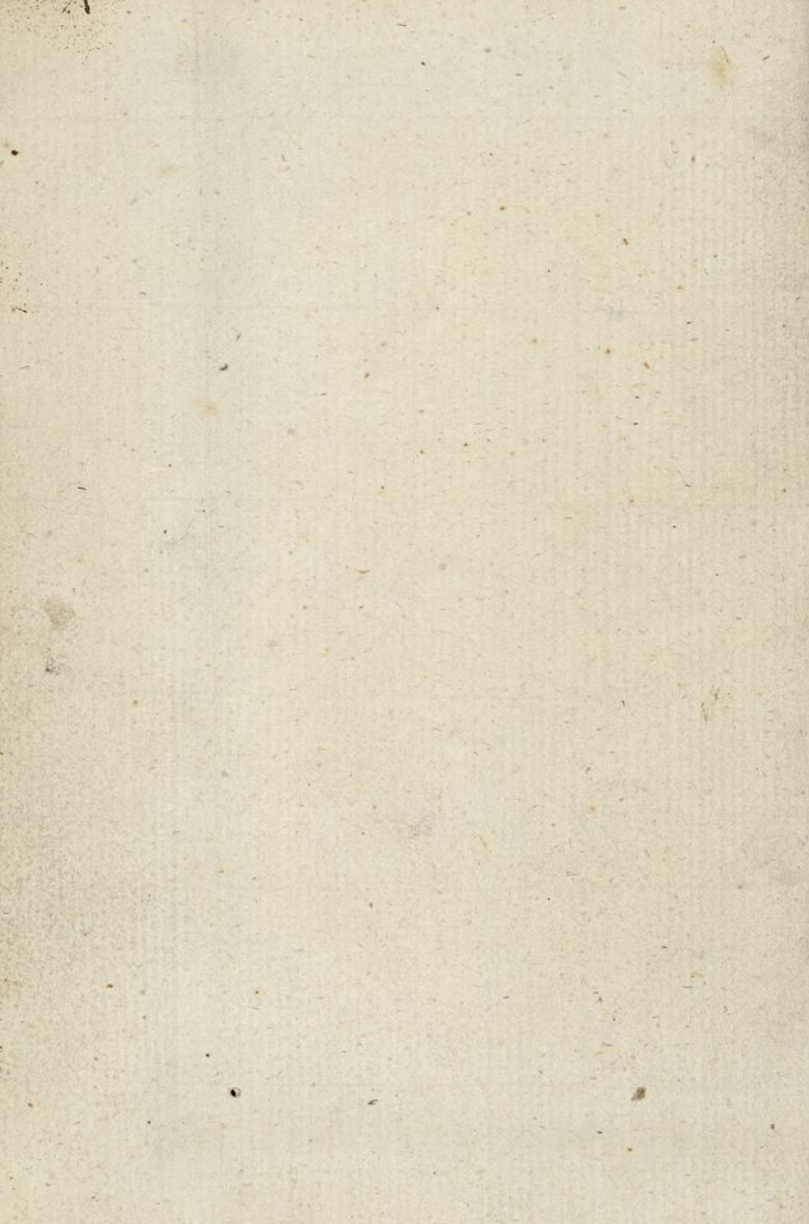
un

27/4/88

Rui Lawrence







81/ 35

CASTRO
TRAGEDIA
DO DOUTOR
ANTONIO FERREIRA:



EM LISBOA;
Impresso por Pedro Crasbeeck.

Anno M. D. XCVIII.



COMPRA

238764

198994 com

Res
4708



EM LISBOA

Impresso por Pedro Canebeck.

Anno M. D. CCXVII



CASTRO.³
TRAGEDIA.

PESSOAS DA TRAGEDIA.

<i>Castro.</i>	<i>Secretario seu.</i>
<i>Ama.</i>	<i>El Rey D. Afonso IIII.</i>
<i>Choro das moças de</i>	<i>Pero Coelho.</i>
<i>Coimbra.</i>	<i>Diogo Lopez Pacheco.</i>
<i>ffante D. Pedro.</i>	<i>Messageiro.</i>

ACTO I.

Castro. Ama. Choro.

COlhey , colhey alegres ,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores,
Tecey frescas capellas
De lyrios, & de rosas; coroay todas
As douradas cabeças.
Espirem suaues cheiros,
De ques'encha este ar todo
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honray o claro dia ,
Meu dia tam ditoso! a minha gloria

A ii

Com

Com brandas liras, com suaues vozes.

Ama. Que novas festas, novos cantos pedes!

Cast. Ama, na criação ama, no amor mãy,
Ajuda-me ao prazer.

Ama. Novos extremos vejo.

Nas palauras prazer, agoa nos olhos.

Quem te faz juntamente leda, & triste!

Cast. Triste não pôde estar, quem ves alegre.

Ama. Mistura às vezes a fortuna tudo.

Cast. Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

Ama. Lagrymas finaes são da mã fortuna.

Cast. Tambem da boa fortuna companheiras.

Ama. A dor são naturaes.

Cast. E ao prazer doces.

Ama. Que força de prazer tas traz aos olhos?

Cast. Vejo meu bem seguro, que receaua.

Ama. Que nouo caso foy? que bem te veo?

Porque me tens suspenã?

Abri-me já, Senhora, essa alma tua.

O mal s'abrandã, o bem contandoo cresce.

Cast. O Ama, amanheceome hum aluo dia.

Dia de meu descanso. Sofre hum pouco

Repetir de mais alto a minha historia,

Em quanto o sprito lêdo co a lembrança

De seu temor, de que já está seguro,

Ajunta ao mal passado o bem presente.

Daquelle grande Afonso forte, e sancto

Por poderola maõ de Deos alçado

Entre armas, ant'imigos o Real cetro.

Tragedia.

5

Do grande Portuga l, que inda está tinto
Do sangue de infieis por seu bom braço,
Por legitima herança rege, & manda
O bom velho glorioso da victoria
E nome do Salado, Afonso Quarto,
Dos Reys de Portugal setimo em ordem,
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,
Ambos já no alto ceo claras estrellas.
Cuja alta casa, & acrecentado Imperio
Pelos grandes auôs, espera alegre
Seu desejado herdeiro o Iffante Pedro,
Meu doce amor, minha esperança, & honra.
Sabes como, em sayndo dos teus braços
Ama, na viua flor da minha idade,
(Ou fosse fado seu, ou estrella minha)
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,
Fogo, que sempre ardeo, & ainda arde agora
Na primeira viueza inteiro, & puro.
Por mim lhe aborreciam altos estados.
Por mim os nomes de Princezas grandes,
Por tam grande me auia nos seus olhos.
Hum tempo duro, mas em fim forçado
Deu a Costança a maõ, Costança aquella
Por tantas armas, & furor trazida,
Iã quasi do seu fado triste agouro:
Deu a Costança a maõ, mas a alma liure,
Amor, desejo, & fé me guardou sempre.
Quantas vezes quisera honestamente
Podela dar a mim! quantas mais vezes

S'ar-

S'arrependeo depois de se ver preso!
 Não lhe apagou o amor e noua esposa;
 Não o tam festejado nascimento
 Do desejado parto: antes mais vivo
 Co tempo, & co desejo ardia o fogo.
 Que fará: se o encobre, entã mais queima,
 Descobri-lo nam quer, nem lhe he honesto.
 Mas quem o fogo guardará no seo?
 Quem esconderá amor, que em seus sinaes
 A pesar da vontade se descobre?
 Nos olhos, & no rosto chamejava.
 Nos meus olhos os seus o descobriam.
 Suspira, & geme, & chora a alma catiua
 Forçada da brandura, & doce força,
 Sogeita ao cruel jugo, que pesado
 A seu desejo facodir deseja.
 Não pôde, não conuem: a furia cresce.
 Laura a doce peçonha nas entranhas.
 Os homês foge, foge a luz, & o dia.
 Sò passeia, sò fala, triste cuida.
 Castro na boca, Castro n'alma, Castro
 Em toda parte tem ante si presente.
 Elle â mulher cuidado, eu odio, & ira.
 Arde o peito a Costança em furor nouo.
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.
 D'antiga casa Castro em toda Hespanha,
 Já dantes do Real cétro deste Reyno
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do Real sangue seu tinha grã parte.

Mas inda à natureza dobram força,
Arte ajuntando, & manha : elRey ao neto
Por madrinha me da , comadre ao filho.

Ama. Cegos, que quãto mais vedam, mais chamã.
Cresce co a força Amor : & o que â vontade
Se faz mais impossucl , mais deseja.

Castr. Em fim, fortuna , que me jã chamaua
Esta gloria tam grande , quebra o nô
Daquelle jugo a meu amor contrario.
Leua ante tempo a morte a Iffante triste.
Herdo eu mais liuremente o amor constante,
Que a mim se entregou todo, e todo viue
Na minh'alma , onde está seguro, e firme,
Iã com doces penhores confirmado.

Mas o spirito inquieto cos clamores
Do pouo, & rogos graues , que trabalham
Apartar est'amor quebrar sua força,
Me traziam medrosa receando
A volta da fortuna, que hora amiga
Hora imiga cruel alça , & derriba :
Que sempre do môr bem, môr mal promette
Falsa , inconstante, cega , varia, & forte.
Lograua como a medo os meus amores.

Criaua o grande amor desconfiança :
E a consciencia errada sempre teme.

Ama. Quem te segurou jã ? quem nouo sprito
Te deu aos temores ?

Castr. O meu medo.

Ama. Contrarias cousas falas

Castr.

Cast. O medo oufa

As vezes mais que o esforço: tomo os filhos
 Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,
 A lingua quasi muda, em choro solta
 Ant'elle assi começo: meu Senhor,
 Soamme as crueis vozes deste pouo,
 Vejo delRey a forza, & imperio graue
 Armado contra mim, contra a constancia
 Que em meu amor tégora tens mostrado.
 Não receo, Senhor, que a fé tam firme
 Queiras quebrar a quem tua alma deste;
 Mas receo a fortuna que mais possa
 Com seu furor, que tu com teu amor brando.
 Por estas minhas lagrymas, por esta
 Mão tua, que em final de fé me deste,
 Pelos doces amores, doce fruto,
 Que delles tens diante, se me deues
 Amor igual ao meu, ou se algũ' hora
 Fui a teus olhos vista alegre, & doce,
 Me segues, me guardes, me conferues
 Contra os duros mandados de teu pay,
 Contra importunas vozes do que podem
 Mudar a caso teu constante peito.
 Ou quando minha estrella, & cruel genio
 Te poder arrancar dest'alma minha,
 Com teu armado braço enuolta em sangue
 M'arranques deste corpo, que não veja
 Tam triste dia, tam cruel mudança;
 Eu tomarey por doce a minha morte:

Tragedia.

9

Por piadoso amor , tal crueldade.

Ama. Mouesteme a alma , & os olhos.

Castr. Assim disse. Elle entã lançando os braços

Estreitamente em mim, mudado todo

Em vãs trabalha de encobrir a magoa

De meu temor, & lagrymas. E pode

O Dona Ines, me diz, pôde teu peito

Conceber tal receo: aquelle dia

Primeiro que te vi , não mostrou logo

Que esta minh'alma à tua só se deue ?

Por ti a vida me he doce, por ti espero

Acrecentar imperios: sem ti o mundo

Duro deserto me pareceria.

Não poderá fortuna , não os homês ,

Não estrellas, não fados, não planetas.

Apartarme de ti por arte , ou força.

Nesta tua maõ te ponho firme, & fixa

Minh'alma ; por Iffante te nomeo ,

Do meu amor Senhora , & do alto estado ,

Que me espera, & teu nome me faz doce.

O grande mouedor dos ceos , & terras

Inuoco , & chamo aqui : o alto ceo m'ouça

E meu intento sancto approue , & cumpra.

Ama. Entendo o teu prazer , as tuas lagrymas

Tambem de prazer choro: tam contraria

Nos he sempre a alegria , que inda toma

Lagrymas emprestadas à tristeza.

Castr. Já não temo fortuna, já segura

E lèda viuirey.

Ama.

Ama. No Real sprito

Naõ se deue esperar leue mudança.

Ajuda tua estrella co bom fiso.

Muitas vezes a culpa empece ao fado.

Prudencia, & bom conselho o bem conferna:

A soberba o destrue, & em grã mal muda.

Cast. Rege tu, ama minha, este meu peito.

O subito prazer engana, & erra.

Ama. Encobre teu segredo.

Cast. N'alma o tenho.

Ama. Deos to conferue.

Cast. Humilde aos Ceos o peço.

Iffante.

Choro.

POderoso Senhor, grã pay do mundo,
Cujo poder immenso, altas grandezas

Cantam os ceos, a terra, os elementos,

A cujo aceno treme a redondeza,

A cujo querer nada he impossivel,

Fortalece meu peito, armame todo

De paciencia igual à dura afronta.

Soffega os alvoroços deste pouo,

A furia de meu pay, que em vaõ trabalha

Arrancarme minh'alma donde viue.

Sou humano, Senhor: tentações grandes

Vencem animos fortes.

Ferve o sangue, arde o peito, cresceme ira

Contra quem me persegue: tu me amansa.

Não

Não poderey sofrer, não poderey
A dura pertinacia, o cruel odio,
Que ao meu doce amor mostram.
Vence a dor a razão: vence Amor força.
Tu conferua, alto Deos, a prometida
Fè, a quem já de là darma mandaste.
Tudo de ti procede: sem ti nada
Se moue câ na terra. Quem entende
Teus meos, & teus fins, & teus segredos?
Quantas vezes mal he, o que bem parece!
Quantas vezes o mal causa bens grandes!
Quanto tempo sofreste o grande Afonso
No nome de Bolonha celebrado,
Que nouas torres ajuntou às Quinas,
Dura força fazendo ao matrimonio,
Contr'as diuinas leys, contra as humanas!
Quem entãõ não choraua a crueldade
Contra o primeiro amor? & quem calaua
A dura pertinacia do segundo?
Mas tu querías dar ao mundo o grande
Forte, prudente, & sancto, hum sò Dinis
Paz, & concordia entre altos Reys, q̃ Reynos
Deu, & tirou, em armas claro, & em letras.
Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,
Porque do meu amor tam mal julgado
Nam esperarey grandezas: velasey,
Velasey de ti, Castro; viue lêda,
Viue segura, lança os medos fora,
Que antes morte, que vida sem ti quero.

Ch. Não he desculpa ao mal, outro mal grande,
Quam danoso he no mundo hũ mau exem-
plo !

Mas não pòde así ser a Razaõ cega ,
Que oque reprende em outro, em si o aproue.
Cada hum leuar-se deixa da vontade.

Secretario. Iffante. Choro.

Q Vem ajuntar poder com agoa o fogo,
Quem misturar co dia a noite escura,
E quem o mau peccado com a virtude,
Este no amor ajuntará razaõ,
Este em falsa lisonja a lealdade.
Hum o amor não sofre , outro a virtude.
E eu destes ambos venho agora armado.
Não sey se poderey vencer com elles.
S'algum sprito bom me quiseffe hora
Ajudar la dos ceos , & aqui acabasse
Esta vida, que fim mais glorioso
Que polos ceos deixar a baixa terra ,
Antes que por temor, honra , & verdade ?
Aquelle he que la vejo pensatiuo ,
Deos m'inspire que diga sem temor.
Confiança ha mister, & animo liure
Quem quiser resistir ao mau proposito
Do Principe, em que esta determinado.
Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

Iffant. Que dirás, *Secretario*, a tam grã força

Como querem fazer a esta minh'alma ?

Secret. Senhor, mas antes querem darte liure

Donde está tam forçada, & tam catiua.

Iffant. Arrancam me as entranhas, que me que-
rem ?

Esta gente que quer, que assi me mata ?

Secret. Queremte só, & procuramte tua honra.

E quebrar daqui as alas a fortuna

Que contra ti não tenha nunca forças.

Iffant. Mas antes lhas vão dando quanto podem,
Procurando apartarme donde viuo.

Secret. Se te viesses, Senhor, verteyas morto :

Verteyas, cego em quanto homem não viue

Com su'alma propria, pôde a tal ser vida ?

Iffant. Também tu me persegues ! também vês

Afiado cortarme estas rayzes,

Que no meu peito ja tam firmes tenho ?

Secret. Piadosa obra faz ao que está preso

Quem as prisoões lhe corta, & as mãos cadeas !

Oh clarissimo Iffante meu Senhor,

Muito ha que me conheces. teus segredos

De mim com razão sempre confiasse.

Nunca te descobri as zombarias,

Nunca descobrirey o menor delles.

D'hũa parte me tens por secretario,

Mas d'outra me has de ter por conselheiro.

Comprirey eu contigo, & co que deuo :

Então venha tua ira, que eu não quero

Melhor morte, que aquella, que de infamia

Livrar a vida , & a alma de perigo.
 Não ves, Senhor, que o Sol, se escurecesse,
 Quanto cobre , & descobre, ficaria
 Tam triste , & escuro , como agora claro !
 Pois tal he o bom Principe : Sol nosso ,
 Com cuja luz nos-vemos , & seguimos
 A justiça que aos ceos nos vay leuando.
 Se s'esta em ti perder , onde a acharemos !
 Quem a virtude seguirá , quem honra !
 Abatereste assi de Principe alto
 A pensamentos baixos , que s'estranham
 Nos homês baixos , parecer te pôde
 Grandeza de ti digna ? & do que deues
 A este estado tam alto , que te espera ?
Iffant. Quem tam liure te faz , & tam ousado !
Secret. Amor, & lealdade esta ousadia
 Me daõ : dâma a Razaõ , que tem tal força,
 Que ainda que se não siga, não se nega.
 Là dentro em ti te vejo estar sentindo
 Em teu animo Real , & generoso
 Quasi hũa reuerencia, a que te moue,
 Inda que com desgosto , a sam verdade.
 Não me queres ouuir, mas bem me julgas.
 Mouete o zelo honesto , a fé tam pura.
 Deixate reprimir de quem bem t'ama,
 Que ou te aproueita , ou quer aproueitarte.
 Não recebas enganõs de quem teme ,
 Ou deseja, ou espêra , â custa tua,
 De tua honra, & dos teus, que a tantos mata.
 Lou-

Tragedia.

17

Louuas tu, ou alguem louuarâ aquelle,
Que podendo illustrar a gloria antiga
De seus passados com môr honra, & fama,
Nã sômente o nã faz, mas escurece
Daquella luz antiga o claro rayo?

Ifant. Mas antes nã viuer merecia esse,
Antes nã ser nascido: que a Aguia vemos
Os filhos engeitar, que ao Sol nã olham.

Secret. E que diras, que julgarás daquelle,
Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,
Causas anda buscando de a ter sempre
Contraria tua vida, & seu estado?

Ifant. Quem nã teme a fortuna, & nã procura
De contr'ella se armar, tela a imiga,
Que aos que se lhe mais daõ, sempre persegue

Secret. Julgaste te a ti mesmo.

Ifant. Em que? ou como?

Secret. Aquelle claro fangue, aquelle nome
Heroico, tam alto, & em todo o mundo
Honrado, & conhecido dos Reys grandes,
De cujo tronco vens, nã fica escuro
Misturado com outro diferente
Dos que foram nascidos, & criados
Pera humildes sofrerem teu Real jugo,
Obedecendo ao Imperjo, & aos acenos?
Despois disto nã ves o grã desprezo,
Em que seràs aos teus? o grã perigo
Em que poês este Reyno, co a toberna
De poucos, que ergues tanto, & tanto podem

Com

Com teu favor, que mostram já desprezo
 A quem deuem mostrar acatamento ?
 Que cousa mais destrue o Rey, & Reyno
 Que cousa cria mór desprezo, & odio
 Que velo sojeitar-se a cousas baixas ?
 Que velo ser mandado de seus vicios ?
 Com que rosto, Senhor, darás castigo
 Aos que assi cometerem, o que cometes ?
 Como conseruarás a obediencia
 Sancta deuida aos paes, pois tu a negas
 Aos teus no que te pedem justamente :
 Memoria deixarás de mau exemplo
 A teus filhos: darás licença larga
 A Reys, que isto souberem: ao mundo causa
 D'escurecer teu nome para sempre.
 De hum mal vê quantos males nascem logo:
 Todos sobre ti caem: Senhor vete.
 Conhece-te melhor: entra em ti mesmo.
 Verás entãõ o porque te importunam,
 O que te pede el Rey, o que teu pouo.
Chor. Conselheiro fiel, ousado, & forte
 Feriste co a razão a alma, que dura
 Os olhos em vão cerra.
Ifant. Eu não sou, nem fuy nunca qual me
 julgas,
 Ou qual me julgaes todos. Outros o /hos
 Diferentes dos vossos são os meus,
 Com que me vejo, & vejo que o que faço,
 Não he tamanho mal, como vos vedes.

Eu não faço erro algum: figo o que o espírito
Me diz, & me reuela, a quem eu creio.

Cos Principes tem Deos outros segredos,
Que vos não alcançaes, e como cegos
Nos juizos erraes de seus misterios.

Olhay esta molher, vede o que ha nella.

D'hum sangue nos formou a natureza:

Real he, de Reys vem, de Reys he digna.

Do mundo quisêra eu ser sô monarcha,

Monarcha de mil mundos, pera todos

Debaixo dos pès pôr, de quem tanto amo.

Muy baixa me parece esta coroa

Para aquella cabeça. Olha o que mando:

Tu ja mais me não fales em tal cousa.

Meus duros pays não curem de cansarme;

Porque nem posso nisso obedecerlhes,

Nem em o não fazer desobedeço.

Arranquem-me a vontade deste peito,

Arranquem-me do peito est'alma minha,

Entam acabarâm o que começam.

Não cuidem que me posso apartar donde

Estou todo, onde viuo: que primeiro

A terra subirá onde os ceos andam,

O mar abraçarâ os ceos, & terra,

O fogo sera frio, o sol escuro,

A lua dara dia, e todo mundo

Andará ao contrario de sua ordem

Que eu ô Castro, te deixe, ou nisso euide.

Deyte alma, deite fê, guardalaey firme.

Confio isto de ti, não mo descubras.

Secret. Oh Senhor, que me matas! Deo' quis' ra

Que nunca merecera honra tamanha.

Pois me poem em perigo de deshonra.

Seguir tua vontade, he destruyrte,

Destruyr este Reyno, & teu pay triste:

Quererte apartar della he impossuel

Iffant. Sigue minha razaõ, minha vontade.

Secret. Não te vejo razaõ, vejo vontade.

Iffant. Sigue a vontade, que forçar não podes.

Secret. Mandame o que te deuo que a não siga.

Iffant. Queres mandar teu Principe?

Secret. Mas siruo.

Iffant. Obedece ao que quero.

Secret. Manda o justo.

Iffant. Deos só me julga.

Secret. E a razaõ te obriga.

Iffant. Liure â de ser hum Principe.

Secret. Catiuo

He, quem de si se vence.

Iffant. Inda importunas!

Secret. Se te não conselhar, meus saõ teus erros.

Iffant. Eu te livrarey delles.

Secret. A Deos temo.

Tu no corpo só podes, elle n'alma.

Eu aconselharte posso, forçar não.

Testemunha me he Deos: & tu tambem.

Amor em ti só reyna, amor te manda.

Peçonha doce d'alma, d'honra, & vida.

Mas

*Na Edicãõ de
1798. com o seu
seu completo, nasc.
e aqui não mar-
cado: e o mesmo
em outro lugar*

Mas porque te não movem tantos choros

D'Raynha tua mãy ? os tantos rogos

D'el Rey teu pay ? os tam leaes conselhos

De quantos a teus pês estaõ lançados

Pedindote piedade deste Reyno,

Que ameaçado está assi da fortuna ?

Não te declararás por honra tua,

E proua pera o mundo, que t'infama

Com nome de peccado pertinaz ?

Eu chòro de assi ver hũa molher fraca

Mais forte contra ti, que quantas forças

De Deos, do mundo estaõ por ti tirando.

Ifant. O perfiguição forte, ò odio estranho!

O duros fados todos conjurados

Cos ceos, & com as estrellas a perderme !

Que me quereis ? que sem razã vos faço

Homês d'entranhas feras, & danadas

Em ter igual amor a quem mo tem ?

A quem he tam devido ? quem o mundo

Todo merece ter, & ainda he pequeno ?

Homês, que procuraes meu mal, & morte

Vede bem o que eu vejo : que alto imperio

Daquelle Real rosto não serã

Honrado, & acrecentado ? aquelle rosto,

Que tanto aborreceis, que mundos pede !

Que estados, que grandezas, que triumphos !

Em corpo tam fermoso a fermosa alma

Tam sancta, tam honesta, casta, & pura

Que tacha podeis dar ? ou que virtudes,

Que graças das mais raras, & excellentes
 Não achareis em tudo, quanto mostra
 Pôde ser mais cru odio, & mais injusto ?
 Pôde ser mór inueja, & mais sem causa ?

Ch. O quam perigoso he qualquer principi
 De mal, que hum só descuido pôde tanto,
 Que traz hum animo alto a tal baixeza

Iffant. Para onde fugirey, porque me deixem ?

Secret. De ti as de fugir, por teu remedio.

Iffant. Não me valerá ja ver que não posso ?

Secret. Tu mesmo te poseste em tal fraqueza.

Iffant. Não quero, nem desejo arrependermes,

Secret. Acrescentas o erro co avontade.

Iffant. S'he erro, como dizes, não ouue outros ?

Secret. Ouue, mais todavia foram erros.

Iffant. Desculpemme outros Reys, & Emperadores.

Secret. Como o farã, pois a si não podêram ?

Iffant. Não me perfigas mais ?

Secret. O mal perfigo.

Iffant. Hum Principe de hum Reyno tam catiuo

A de ser, que não faça o que costuma

Qualquer do pouo seu ?

Secret. Hum Principe antes

A de ter seu sprito tam alçado

Da terra, que della erga o pensamento

Ao baixo pouo seu, pera que o siga.

Sprito a de ser puro: hum ouro limpo,

Sem fezes, & sem liga: exemplo claro

De fortaleza, mansidão, & justiça.

Fant. Vayte diante mim, fuge minha ira.

Secret. Quem governara hũa vontade liure,
Que outro Senhor não tem, senão a si mesma:

Choro I.

Q Vando Amor nasceo ,
Nasceo ao mundo vida ,
Claros rayos ao Sol , luz às estrellas.
O ceo resplandeceo
E de sua luz vencida
A escuridão mostrou as cousas bellas.
Aquella , que subida
Está na terceira esphêra ,
Do brauo mar nascida
Amor ao mundo dá , doce amor gera.
Por amor s'orna a terra
D'agoas, & de verdura ,
A's arvores dá folhas, cor às flores.
Em doce paz a guerra ,
A dureza em brandura ,
E mil odios conuerte em mil amores.
Quantas vidas a dura
Morte desfaz renoua :
A fermosa pintura
Do mundo, Amor a tem inteira , & noua.
Ninguem tema seus fogos ,
E chãmas furiosas.

Amor

Amor he tudo, amor Juauue, & brando,
 Sogeito a brandos rogos,
 As agoas amorosas
 Dos olhos com brandura está alimpando.
 Douradas, & fermosas
 Sétas n'aljaba soam.
 A' vista perigosas;
 Mas amor leuam, dos amores voam.
 Amor em doces cantos,
 Em doces liras soë,
 Torne seu brando nome est'ar sereno.
 Fugam magoas, & prantos,
 O lédo praxer voë,
 E claro o rio faça, o valle ameno.
 No terceiro ceo toë
 D'amor a doce lira,
 E de là te coroë
 Castro, d'ouro o grã Deos, que amor inspira.

Choro II.

A Ntes cego Tyrano
 Dos poetas fingido,
 Cruel desejo, & engano
 Deos de vam gente, de ocio sô nascido.
 Geral estrago, & dano
 Da gloriosa fama,
 Com sua sêta, & chama
 Tirando a toda parte
 Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.

Vay pelos ares voando ;
 A de cá toda a terra ,
 E d'aljaba soando
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.
 Tem por gloria yr juntando
 Estados diferentes :
 Os mais conuenientes
 A Amor, & iguaes aparta,
 Nunca de sangue, & lagrymas se farta.
 No tenro, & casto peito
 Da moça vergonhosa,
 Tempo esperando, & geito
 Entra com força branda, ou furiosa.
 O fogo ja desfeito
 Da cinza outra vez cria,
 No frio sangue, & fria
 Neue outra vez se acende.
 Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.
 Dali sua peçonha
 Vay por todas as veas.
 A alma dormente sonha
 Em seu engano, & tece doces teas.
 Foge a casta vergonha.
 Foge a constancia forte.
 Entra tristeza, & morte
 Debaixo de brandura,
 Que a razão mata, o coração endurea.
 Quem a ferrada maça
 Ao grande Alcides toma ?
 E quer que assi aos pés jaça

Da moça, feito moça, quem lides domia?
 Quem da espantosa caça
 Os despojos famosos
 Lhe conuerte em mimosos
 Trajos de Dama, & o uso
 Das duras mãos lhe poem no brando faso?
 Iupiter transformado
 Em tam varias figuras,
 Deixando desprezado
 O ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!
 Poderosas branduras,
 Que assi as almas conuertem
 Não que amam! assi souertem
 Por manha a grande alteza
 Do spirito, que s'enterra em vil fraqueza?
 De que outro fogo ardia
 Dos Teucros a alta gloria?
 De que deixou historia
 Tam triste ao mundo Hespanha a forte, & pia?
 Amor cego vencia.
 Amor cruel mataua.
 Hum moço triumphaua
 De tanto sangue, & vidas
 Por hum vaõ appetite mal vendidas.
 Ditoso, ô quam ditoso!
 Quem o seu peito armou
 Contra o rayo furioso:
 Ou em alçando as chammas o apagou!
 Poucos, que Deos amou,

Dos ceos tanto alconçaram.
 F mil, G mil choraram
 Do vao contentamento
 Ao cego Ifante seu rependimento.

ACTO II.

El Rey D. Afonso IIII. Pero Coelho
 Diogo Lopez Pacheco. Conselheiros

OH cetro rico, a quem te não conhece,
 Como es fermoso, & bello, e que soubesse
 Bem quam diferente es do que prometes,
 Neste chaõ que te achasse, quereria
 Pisarte antes cos pés, que leuantarte.
 Não louuo, os que se louuam por imperios
 A ferro, sangue, & fogo destruyrem,
 O seu proprio estendo: mas aquelles
 (O grandeza espantosa, & animo liure,)
 Que tendo os muito grandes, os deixaram.
 Mór alteza, & mór animo he as grandezas
 Desprezar, que aceitar: & mais seguro
 A sy cada hum reger, que o mundo todo.
 O resplandor deste ouro nos engana.
 E he terra em fim, & terra a mais pesada.
 De húa alta fortaleza estamos sempre
 Postos por atalayas â fortuna:
 Por escudos do pouo, offerecidos

A receber seus golpes ; não fazelo
 He vsar mal do cetro, & bem fazelo
 He não ter vida mais segura, & certa
 Que quanto estes perigos nos prometem.

Conf. Gloriosos perigos, & trabalhos,
 Oh bemaumenturados, pois te sobem
 Da coroa da terra a que nos ceos
 Mais rica, mais gloriosa te daram.

Per. Trabalho mais que estado tem os Reys,
 Os bons Reys, que não amam assi seus vicios,
 Como as obrigações de se mostrarem
 Contra si mais isentos, & mais fortes
 Que o pouo baixo, que anda sò apos elles.
 Etal Rey como tu, Senhor, he Rey.
 Não te pese de o ser, que virá tempo,
 Que te ajam mais inueja a esses trabalhos
 Soffridos com paciencia, & bem regidos,
 Que a victorias famosas com grã perda
 De homês, & de riquezas mal ganhadas.
 Isto faz os Reys grandes dignos sempre
 De memoria immortal; sofrer trabalhos
 Polo publico bem, quebrar a força
 Do fangue, & proprio amor; fazerse exemplo
 De todo bem ao pouo, atalhar prestes
 O mal em seu começo, antes que empeca.
 Depois nem forças bastam, nem conselho.
 Atalhando a este mal, que t'assi agora
 Tam trabalhado traz, ficaras liure
 Rindote da fortuna, & de seus medos.

Rey Ven.

Rey. Vence o mal ao remedio. vejo o Iffante
De todo contra mim determinado,

Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.

Que estrella foy aquella tam escura?

Que mau signo, ou que fado, ou que planeta!

Per. Em quanto ha occasiã, dura o peccado:
Tirandolha, eylo livre.

Rey. Forte cousa

Endurecerse assi aquella vontade!

Per. Endureçase a tua com justiça.

Rey. Duro remedio! quanto melhor fora

Amor, & obediencia! meus peccados

Quam graueamente sobre mim cahiram!

Conf. Senhor, pera que he mais: mouro esta dama.

Rey. Que mouro todavia?

Per. Senhor mouro

Por saluação do pouo.

Rey. Não he crueza

Matar quem não tem culpa?

Conf. Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com causa.

Rey. Com que cor, com que causa esta matamos?

Per. Não basta que em sua morte só se atalham

Os males, que sua vida nos promete?

Rey. Ella que culpa tem?

Per. Dã occasiã.

Rey. Oh que ella não a da, o Iffante a toma.

Que ley ha, que a condene, ou que justiça?

Conf. O bem comum, Senhor, tem taes largue-

Com que justifica obras duuidosas.

Rey. Assi que assentaes nisto :

Conf. Nisto : moura.

Per. Moura.

Rey. Hũa innocente :

Conf. Que nos mata :

Rey. Não auera outro meo :

Per. Não o temos.

Rey. Metelaey num mosteiro.

Conf. Eylo queimado.

Rey. Mandalaey deste Reyno.

Conf. O amor voa.

Este fogo , Senhor , não morre logo.

Quanto lhe mais resistes , mais s'acende.

Contra Amor que lugar daras seguro :

Rey. Matala he cruel meo , & rigoroso.

Per. Não ves, não ouues quantas vezes morrem

Muitos, que o não merecem ? Deos o quer

Polo bem , que se segue.

Rey. Deos o faça ,

Cuja vontade he ley , & a minha não.

Per. Essa licença tem tambem os Reys ,

Que em seu lugar estaõ.

Rey. Antes não tem

Licença pera mais , que quanto pede

A razaõ , & justiça : a mais licença

He barbara crueza de infieis.

Per. Pois que diras daquelles , que a seus
prios

Filhos, & a seu amor não perdoaram

Polo exemplo comum, & bem do pouo:

Rey. Aos que o bem fizeram, hey inueja.

Os outros nem os louuo, nem os ligo,

Conf. Inda que ouueffe excessos, todavia

Mais males atalharam, dos que deram.

Rey. Não se ha de fazer mal por quantos bens

Se possam da hi seguir.

Conf. Nem bem nenhum,

De que se figam males.

Rey. Mal parece

Matar hũa innocente.

Per. Não he mal:

Que a causa o justifica.

Rey. Antes Deos quer

Que se perdoe hum mão, que hum bom

padeça

Conf. O bem geral quer Deos que mais s'estime,

Que o bem particular: nas circumstancias

Se saluam, ou se perdem as obras todas.

Rey. Enganaõ se os juizos muitas vezes.

Conf. Os dos Reys bem fundados Deos inspira.

Rey. Ey medo de deixar nome de injusto.

Conf. De justo o deixarás, pois te conselhas

Cos juizos dos teus leaes prudentes.

Per. Ves, poderoso Rey, ves cos teus olhos

A peçonha cruel, que vay laurando

Gerada deste amor, cego: ves quanto

A soberba, & desprezo destes homês

Con.

Contra ti, & contra todos vay crescendo.
 S'em tua vida nos tememos tanto,
 Que faremos despois de tua morte:
 Por dar faude ao corpo, qualquer membro
 Que apodrece, se corta, & pelo saõ,
 Porque o saõ naõ corrompa. Este teu corpo,
 De que tu es cabeça, estã em perigo
 Por esta mulher só: cortalh'a vida,
 Atalha esta peçonha, teloas saluo.
 Medico, Senhor, es desta Republica.
 O poder, que tem o medico num corpo
 Tens tu sobre nõs todos: vsa delle.
 Se te parece em parte isto crueza,
 Não he crueza aquella, mas justiça,
 Quando de cruel animo naõ nasce.
 Tua tençaõ naõ pecca, em si se salua.
 A aspereza dest'obra he medicina,
 Com que s'atalhã as mortes, que adiante
 Muitos he que por força te mereçam.
 A clemencia por certo he grã virtude,
 E digna mais dos Reys que outras virtudes,
 Polo perigo grande, que ha na ira,
 Em quem tam livremente assi a executa:
 Mas com esta o rigor he necessario,
 Por naõ vir em desprezo tal virtude.
 Este he o que se chamou seueridade,
 De que tantos exemplos nos deixaram
 Os famosos Romaõs em paz, & guerra.
 Estas colunas ambas saõ tam fortes

Que

Que bemaumenturado este teu Reino,
 Que nellas por ti só estâ tam fundado.
 De tal modo, Senhor, as de vsar dellas,
 Que hũa va sempre d'outra acompanhada.
 Exemplos tês mostrado de clemencia,
 Mostra agora, que he bem, feueridade.

Rey. A parte que me cabe deste feito,
 Eu a ponho em vos toda, como aquelles,
 Que sem odio, & temor sois obrigados
 Aquillo conselhar-me, que he sô justo,
 Mais seruiço de Deos, & bem do pouo.
 Vos outros sois meus olhos, que eu não vejo.
 Vos sois minhas orelhas, que eu não ouço.
 Minha tenção me leue, ella me salve,
 O engano se he vosso, em vos só caya.

Per. Sobre nos descarrega esse teu peço.

Conf. Eu tomo minha parte, ou tomo todo.

Almas, & honras temos: estas ambas

A ti, Senhor, se deuem, a ti as damos.

Estas sós te conselham, que bem vês

Quã grande mal he nosso, o que fazemos:

Auenturamos vidas, & fazendas,

Que em odio de teu filho ficam sempre,

Sob cujos pés ficamos, & em cuja ira.

Mas percamo nos nós, percamo vidas;

Soframos crueis mortes; nossos filhos

Fiquem orfaõs de nós, & desherdados;

A furia de teu filho nos persiga,

Antes que esse tal medo em nós mais possa,

Que

Que o que a virtude manda', & te deuemos.
 Rey. Iuos aparelhar, que em vos me saluo.
 Senhor, que estas nos ceos, & vès as almas,
 Que cuidam, que propoem, que determinam;
 Alumia minh'alma, não se cegue
 No perigo, em que està: não sey que siga.
 Entre medo, & conselho fico agora:
 Matar injustamente he grã crueza.
 Socorrer a mal publico he piedade.
 D'hũa parte receo, mas d'outra ouso.
 Oh filho meu que queres destruyrme!
 Ha dô desta velhice tam cansada:
 Muda essa pertinacia em bom conselho.
 Não dês occasião pera que eu fique
 Julgado mal na terra, & condenado
 Ant'aquelle grã Iuiz, que està nos ceos.
 O vida felicissima, a que viue
 O pobre laurador sô no seu campo,
 Seguro da fortuna, & descansado,
 Liute destes defastres, que câ reynam!
 Ninguem menos he Rey, que quem tê Reyno.
 Ah que não he isto estado, he catiueiro
 De muitos desejado, mas mal crido.
 Hũa seruidão pomposa, hum grã trabalho
 Escondido sob nome de descanso.
 Aquelle he Rey sômente que assi viue
 (Inda que câ seu nome nunca s'ouça)
 Que de medo, & desejo, & d'esperança
 Liure passa seus dias. O bons dias!

Com que eu todos meus annos tam cansados
 Trocara alegremente. Temo os homês,
 Com outros dissimulo: outros não posso
 Castigar, ou não ouso. Hum Rey não ouso.
 Tambem teme seu pouo: tambem sofre.
 Tambem suspira, & geme, & dissimula.
 Não sou Rey, sou catiuo: & tam catiuo
 Como quem nunca tem vontade liure.
 Saluome no conselho dos que creio,
 Que me feraõ leaes: isto me salue,
 Senhor, contigo: ou tu me mostra cedo
 Remedio mais seguro, com que viua
 Conforme a este alto estado, que me dêste.
 E me liura algum tempo antes que moura,
 De tanta obrigaçam, pera que possa
 Conhecer me melhor, & a ti voar
 Com mais ligeiras asas do que pode
 Hũa alma carregada de tal peso.

Choro.

Quanto mais liure, quanto mais seguro
 He aquelle estado, que de si contente
 Não se leuanta mais que quanto pode
 Fugir misérias!

Tristes pobrezaas ninguem as deseje.
 Cegas riquezaas ninguem as procure.
 Nam meo honesto está a felicidade
 Dos ceos, & terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas
 Sobre nós pondez vossos pés, pisaynos.
 Mas sobre vos está sempre a fortuna.
 Nos liures della.

Nos altos muros soam mais os ventos.
 As mais crecidas arvores derribam.
 As mais inchadas vellas no mar rompem
 Caem môres torres.

Pompas, & ventos, titulos inchados
 Não dão descansa, nem mais doce sono.
 Antes mais cansam, antes em mais medo
 Poem, & perigo.

Como se voluem no grã mar as ondas,
 Assi se voluem estes peitos cheos.
 E nunca fartos, nunca satisfeitos:
 Nunca seguros.

S'eu me podesse à minha vontade
 Formar meus fados, mais não quereria
 Que meammente segurar a vida
 Co necessario.

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha
 Triste, enganado: poucas vezes dorme.
 Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
 Temendo os homês.

Rey poderoso, tu por que desejas
 Nunca ter Reyno porque essa coroa
 Chamas pesada? polo peso d'alma,
 Que te carrega.

Quam poucas vezes vimos
 Tardar a grã justiça,
 Que não decesse sobre
 Aquelles liures filhos,
 Que contra a natural
 Obrigação, e ley
 Negaram obediencia
 Aquelles, que os geraram!
 Peccado torpe, e feo
 Ante Deos, ant'os homẽs.
 Mais pera Hyrcanos Tigres,
 Mais pera Liões brauos,
 Que razão não conhecem,
 Que pera quem s'õ della
 E par'ella he formado.

Aquelle amor tam grande
 Dos pays, com que te criam
 Co sangue do seu peito,
 Que fereza ha tamanha,
 Que tal brutalidade,
 Que contr'elle te moua?

Rey Dom Afonso, Rey,
 Lembrate de ti mesmo.
 Aquelles erros feos,
 Com que tu perseguiste
 Teu pay tam cruamente,
 Lhe dão de ti vingança
 Por outro tu teu filho,
 Que te desobedece.

Viramse as Reaes Quinas
 Pelo mesmo Deos dadas
 A'quelle Rey primeiro,
 De que herdaste esse nome
 Com esse cetro rico,
 Leuandas por ti,
 Naõ contra cinco Reys,
 Com cujo sangue as ouue,
 Mas contra el Rey teu pay,
 Mas contra teus vassallos.

Viram se as Reaes Quinas
 Cruéis contra si mesmas
 Em brauo fogo acesas
 Contr'hũa parte, & outra,
 De que tam cruelmente
 Corria hum mesmo sangue!
 Quantas vezes a sancta
 Raynha tua mãy
 Se metteo nesse fogo
 Por te salvar a vida?
 Por ella era apagado.
 Por ti tornaua arder.
 Agora ardes nestoutro.
 Iustiça de Deos grande!

ACTO III.

Castro. Ama.

NVnca mais tarde pera mim que agora
 Amanheceo. ô sol claro, & fermoso
 Como alegras os olhos, que esta noite
 Cuidaram não te ver! ô noite triste!
 O noite escura quam comprida foste!
 Como cansaste est'alma em sombras vãs!
 Em medos me trouxeste taes, que cria
 Que ali se me acabaua o meu amor,
 Ali a saúdade da minh'alma,
 Que me ficaua câ: & vos meus filhos,
 Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo
 Aquelle rosto, & olhos do pay vosso,
 De mim ficaveis câ desemparedos.
 Oh sonho triste que assi me asombraсте!
 Tremo ind'agora, tremo. Deos afaste
 De nos tam triste agouro. Deos ô mude
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.
 Crescereis vos primeiro, filhos meus,
 Que choraes de me ver estaruos chorando;
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,
 Quem em vida vos ama, & teme tanto,
 Na morte que fara? mas viuireis,
 Crescereis vos primeiro, que veja eu

Qua

Que pisaes este campo, em que nascestes,
Em fermosos ginetes arrayados,
Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio
Passeis a nado a ver esta máy vossa:

Com que canseis as feras, & os imigos
Vos temam de tam longe, que não ousem
Nomearvos fomite: entam me venham
Buscar meus fados: venha aquelle dia
Que me estâ esperando: em vossos olhos
Ficarei eu, meus filhos: vossa vida
Tomarei eu por vida em minha morte.

Ama. Que choros, & que gritos, senhora, eram
Os que t'ouvi esta noite?

Cast. O' ama minha,
Vi a morte esta noite crua, & fera.

Ama. Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,
Que de medo, & d'espanto fiquei fria.

Cast. Ind'agora minh'alma s'entristece
A sombrada dos medos, em que estiué.

Cançada de cuidar na saudade,
Que sempre leua, & deixa aqui o Iffante,
Adormeci tam triste, que a tristeza
Me fez tomar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tiuesse.

Então sonhei que estando eu só num bosque
Escuro, & triste, de huma sombra negra
Cuberto todo, ouuia ao longe hús brados
De feras espantosas, cujo medo
M'arrepiava toda, & me impedia

A lingua, & os pés, eu co alma quasi morta
 Sem me mouer, meus filhos ab açaua.
 Nisto hum brauo Lião a mim se vinha
 Co acatadura fera, & logo manso
 Para tras se tornaua: mas em s'indo,
 Não sey donde sahiam hús brauos Lobos,
 Que remetendo a mim com suas vnhas
 Os peitos me rasgauam: entã açaua
 Vozes aos ceos, chamaua meu Senhor,
 Ouuiame, & tardaua: & eu morria
 Com tanta saudade, que ind'agora
 Parece que a câ tenho: & est'alma triste
 Se m'arrancaua tam forçadamente,
 Como quem ante tempo assi deixaua
 Seu lugar, & deixaua pera sempre
 (Que este na minha morte era o mor mal)
 A doce vista de quem me ama tanto.

Ama. Hay, & como estaria essa tu'alma
 Tam mortal! Deos te guarde. Mas as vezes
 O pensamento triste traz visoões
 Escuras, & medonhas: do cuidado,
 Com que, senhora, andaste, & adormeceste,
 Se te representãram esses medos.

Cast. Chôro daquella dor, daquella magoa,
 Que ao meu Iffante dêra a minha morte.

Ama. Pera que choras sonhos?

Cast. Não sey que hey:

• Não sey que peso he este, que câ tenho

• Assi no coração, que me carrega.

Soya ser que quando sô ficaua,
 Como agora me vejo, em meu senhor.
 Eram todos meus sonhos tam alegres,
 Que desejava a noite, pera nella
 Me lograr dos enganos que com elle
 Se me representauam; ali o via,
 Ali cria que o tinha, & que fallaua
 Comigo, & eu com elle: & muitas vezes
 Muitas palauras, que elle em se partindo
 Me dizia chorando, ali chorando
 Mas tornaua a dizer: & eu o detinha
 Apertado em meus braços, senaõ quando
 Acordaua abraçada sô comigo.
 Aquelles meus enganos me sostinham
 Das noites pera os dias. E esta noite
 Perdia estes enganos com a vida.

Ama. Outro dia veras, que te amanheça
 Mais claro, & mais ditoso: em que a coroa,
 Que t'espera, terâs sobr'esses teus
 Cabellos d'ouro. Alegrate entre tanto.
 Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

Castr. Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

Ama. A imaginação he perigosa.

Castr. Que fará quem não pode fugir della?

Ama. Cuidar no bem, lança a tristeza fora.

Castr. Fazeme o bem seguro, que eu não vejo.

Ama. Porque temes o mal, de que estas liure?

Castr. Porque temo perder o bem, que espero.

Ama. Temer de longe o mal, he mal dobrado.

Castr.

Castr. Como estará alma leda em culpa sua?
 Julgam-me mal os homês, & a Deos temo.

Ama. Dos secretos, senhora, que parecem
 Ao mundo (que os não vê, & do defora
 Julga fomite) feos, maos, & torpes,
 Basta a sô consciencia, basta tanto,
 Que com esta a de ter Deos toda a conta.
 Esta, senhora, he boa proua d'alma.
 Pois esta está segura no teu peito.
 Se peccado ouue ja, ja está purgado
 Com esse animo firme, com que ja ambos
 Estaes confederados sanctamente.
 O tempo Deos trara com môr seguro
 Do que vos este da, pera mais claro
 O mundo conhecer quam grã perigo
 He as almas julgar, que sô Deos vê.
 Entre tanto contente espera, & viue.
 Viue, perã que viua quem tanto ama
 Esta tua vida, em que toda está a sua.

Castr. Nunca o tanto meus olhos desejarã.
 Nunca meu pensamento o imaginou
 De mim tam esquecido. Deos o guarde.
 Deos te guarde, senhor, que me parece
 Que algum mal te detem: algũ mal grande.
 Arrancase a minh'alma de mim mesma,
 Parece que voar quer onde estã.
 Parece que lhe foges, que me deixas.
 Ah pensamentos tristes, pensamentos
 Escuros, carregados! yuos, yuos.

Ama.

Ama. Ah não te agoures mal! que melhor fado
 O teu serâ, senhora; quem tristeza
 De sua vontade chama, mal a pode
 Lançar de si, que as vezes n'alegria
 Entra tam furiosa, que a destrue.
 Olha pera estes teus doces penhores
 Tam seguros, & certos desse amor,
 De que foraõ gerados: em seus olhos
 Alegria hora effes teus, que alli desfazes
 Com essas crueis lagrimas; não chores.
 Danas esse teu rosto tam fermoso
 Filha, com tantas lagrimas: não chores:
 Não offendas teus olhos: ah não vejam
 Nelles sinaes tamanhos de tristeza
 Aquelles, cuja gloria he verte alegre.
 Olha as agoas do Rio como correm
 Pera onde está tam faudosamente.
 De la te vê, senhora; ellas lhe lembram
 Este aposento seu, ou da sua alma.
 Estes campos fermosos, que parecem
 Debaixo deste ceo dourado, & bello,
 Quem os vera, que logo não se alegre?
 Ouve a musica doce, com que sempre
 Te vem a receber os passarinhos
 Por cima destas arvores fermosas.
 Cuida, senhora, de logreres isto.
 Em algum tempo com dobrado gosto,
 Segura da fortuna, & de seus medos,
 Senhora do teu bem, & desta terra.

Choro

Choro.

Castro.

Ama.

TRistes nouas, crueis,
Nouas mortaes te trago, Dona Ines.

Ah coitada de ti, ah triste, triste!

Que não mereces tu a cruel morte,

Que assi te vem buscar.

Ama. Que dizes? fala.

Ch. Não posso. Chôro.

Castro. De que choras?

Ch. Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa.

Castro. Triste

De mim, triste! que mal? que mal tamanho

He esse, que me trazes?

Ch. He tua morte.

Castro. He morto o meu Senhor! o meu Infante!

Ch. Ambos morrereis cedo.

Castro. O' nouas tristes!

Mata-me o meu amor? porque mo mata?

Ch. Porque te matarem: por ti só viue.

Por ti morrera logo.

Ama. Deos não queira

Tal mal, tal desventura.

Ch. Vem muy perto.

Não te tarda muito, spoem-te em saluo.

Fuge coitada, fuge, que ja soam

As duras ferraduras, que te trazem

Coro

Correndo a morte triste. Gente armada

Correndo vem, senhora, em busca tua.

El Rey te vem buscar determinado

D'em ti vingar sua furia : vê se puedes

Salvar tambem teus filhos, não lh'empêça

Parte de teus maos fados.

Cast. O coitada

Só, triste, perseguida! hay meu senhor

Onde estas, que não vês? el Rey me busca?

Ch. El Rey.

Cast. Porque me mata?

Ch. Rey cruel!

Cruéis os que o moueram a tal crueza!

Por ti vem perguntando : effes teus peitos

Vem só buscar, pera com duro ferro

Serem furiosamente traspassados.

Ama. Cumpriramse teus sonhos.

Cast. Sonhos tristes!

Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros

Me quifestes sayr? Ó sprito meu!

Como não creste mais o mal tamanho

Que crias, & sabias? Ama, fuge.

Fuge desta ira grande, que nos busca.

Eu fico, fico só, mas innocente.

Não quero mais ajudas, venha a morte!

Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos

Viuireis ca por mim: meus tam pequenos,

Que cruelmente vem tirar de mim.

Socorrame so Deos, & socorreime

Vos

Tragedia.

45

Vos moças de Coimbra : homẽs que vedes
Esta innocencia minha, focorreime.
Meus filhos não choreis: eu por vos choro.
Lograyuos desta mãy, desta mãy triste,
Em quanto a tendes viua. E vos amigas
Cercayme em roda todas, & podendo,
Defendeyme da morte, que me busca.

Choro

Teme teus erros, mocidade cega.

Fuge a ti mesma, lôgrate do tempo,
Que assi te deixa correndo, & voando.

Com suas asas.

O quanto hũa hora, quanto hum sô momento
Breue algũ' hora quereràs de balde!

Poupa o presente, guarda-o, enthesourao,
Teloás seguro.

Todo ouro, & prata, pedras preciosas,
A que cerrendo vaõ todos perdidos:

Por agoa, & fogo, não temendo a morte
Cavar nas veas,

Nunca puderam, nunca puderãm

Comprar hum ponto deste tempo liure,

Que assi atras deixa Principes, Senhores,
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.

Não valem forças, não val gentileza.

Por tudo passa, tudo calca, & pisa.

Ninguém o força.

Com

Com sua foice, cruel vay cortando
 Vidas a moços, trabalhos a velhos.

Sô boa fama, só virtude casta
 Podê mais que elle.

Esta se salua sômente em si mesma.

Esta o sprito segue, sempre viue.

Esta seguindo vencerâs o tempo

Rirtêas d' morte.

Viue pois, viue, mocidade cega,

Viue co tempo, delle te enriquece.

Delle só t'arma contr'aquelle dia

Do grande aperto.

A Pos amor vem morte,
 Ou da vida, ou da honra,

E d'alma juntamente,

Que em noite escura poem,

Sem ver o claro dia

Da razão, que lhe diz

Os males, & perigos

Em que este amor acaba.

Ô Principe tam cego!

Ô Principe tam duro!

Que cerraste os teus olhos

Aquelles bons conselhos,

Que cerraste as orelhas

Aquelles bons auisos.

Tu dormes, ou passeas,

E pelos campos vem

Do Mondego correndo

Tragedia.

47

A cruel morte em busca
Da tua doce vida,
Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens
Buscar esta innocente,
Ha piadade, & magoa
Dos seus fermosos olhos,
Do seu fermoso rosto,
Não desates hum nô
Tam firme, com que dous
Corações ajuntou
Amor tam estreitamente.

Crueza faras grande
Partir hūs olhos d'outros;
Hũa alma assi d'outr'alma:
E derramar o sangue,
O sangue tam fermoso
Do seu fermoso corpo.

Doante aquelles peitos
De marsim, ou de neu.
Doante aquellas faces
De lyrios, & de rosas,
Que já perdem sua cor
Pola falta do sangue,
Que no coração junto
Lhe tens frio, & coalhado
Com medo do teu nome.

Aquella atua garganta
De cristal, ou de prata,

Que

Que, solem a cabeça
 Tam alua, & tam dourada,
 Porque cortar a queres
 Com golpe tam cruel:
 E derramar nos ares
 Aquelle sprito digno
 Do corpo em que viuia,
 Ha piedade, & magoa
 De tanta fermosura,
 Daquelle triste Iffante,
 E destes seus penhores.
 Detente, em quanto chega,
 Detente, em quanto tarda.
 Corre, ò Iffante, corre:
 Soccorre ao teu amor,
 Hay tardas! saberâs
 Como o Amor sempre acaba.

A C T O III.

Pacheco. El Rey. Chôro.
 Castro. Coelho.

Pach. **A** Presteza em tal caso, he bom seguro.
 E piedade, Senhor, serâ crueza.
 Cerra os olhos a lagrimas, & magoas,
 Que te podem mouer dessa constancia.
 Rey. Esta he, que a mim se vem: Ô rosto digno
 De

De mais ditos fados!

Ch. Eis a morte

Vem. Vayte entregar a ella : vay depressa,
Teràs que chorar menos.

Castr. Vou amigas ;

Acompanhayme vos , amigas minhas ,
Ajudayme a pedir misericordia.

Choray o desemparo destes filhos

Tam tenros , & innocentes. Filhos tristes ,

Vedes aqui o pay de vosso pay.

Eis aqui vosso auo, noſſo ſenhor ;

Beijalhe a mão, pedilhe piedade

De vós, desta mãy voſſa, cuja vida

Vos vem, filho, roubar.

Ch. Quem pode verte ,

Que não chore, & s'abrande ?

Castr. Meu ſenhor ,

Esta he a mãy de de teus netos. Estes ſão

Filhos daquelle filho, que tanto amas.

Esta he aquella coitada molher fraca,

Contra quem vens armado de crueza.

Aqui me tens : bafana teu mandado

Para eu ſegura, & liure t'esperar ,

Em ti, & em minh'innocencia confiada.

Eſcuſaras, ſenhor, todo eſte eſtrondo

D'armas, & Caualeiros ; que não foge,

Nem ſe teme a innocencia da juſtiça.

E quando meus peccados me acusaram,

A ti fora buscar : a ti tomara

D

Por

Por vida em minha morte: agora vejo
 Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
 Reaes tam piadosas : pois quiseste
 Por ti virte informar de minhas culpas.
 Conhecemas, Senhor , como bom Rey ,
 Como clemente, & justo, & como pay
 De teus vassallos todos, a quem nunca
 Negaste piedade com justiça.
 Que ves em mim, Senhor? que ves em quem
 Em tuas mãos se mete tam segura ?
 Que furia, que ira esta he, com que me buscas?
 Mais contra inimigos vens, que cruelmente
 T'andassem tuas terras destruindo
 A ferro , & fogo. Eu tremo, Senhor, tremo
 De me ver ante ti, como me vejo,
 Molher, m'çoça, innocente, serua tua,
 Tam só, sem por mim ter quem me defenda.
 Que a lingua não s'atreue, o sprito trem
 Ante tua presença , porem possam
 Estes moços, teus netos defenderme.
 Elles falem por mim, elles sos ouue :
 Mas não te falarâm, Senhor, com lingua,
 Que inda não podem: falante co as almas,
 Com suas idades tenras, com seu sangue,
 Que he teu, te falarâm : seu desemparo
 T'esta pedindo vida: não lha negues.
 Teus netos são, que nunca téqui viste:
 E velos em tal tempo, que lhes tolhes
 A gloria, & o prazer, qu'em seus spritos

Lhe está Deos reuelando de te verem.

Rey. Tristes foram teus fados, Dona Ines,
Triste ventura a tua.

Castr. Antes ditosa
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
Em tempo tão estreito: poem nos hora,
Como nos outros soes, nesta coitada.

ab Encheos de piedade com justiça.
Vês me, Senhor, matar? porque me matas?

Rey. Teus peccados te matam: cuida nelles.

Castr. Peccados meus! ao menos contra ti
Nenhum, meu Rey, me acusa: contra Deos
Me podem accusar muitos: mas elle ouue
As vozes d'alma triste, em que lhe pede
Piedade: ò Deos justo, Deos benigno,
Que não mata, podendo com justiça,
Mas dá tempo de vida, & espera tempo
Sô pera perdoar: assi o fazes,
Assi o fizeste sempre: pois não mudes.
of Agora contra mim teu bom costume.

Rey. Tua morte m'estam outras muitas vidas
Pedindo com clamores.

Pach. Foge o tempo.

Castr. Oh triste, triste! meu senhor não me ou-
ues?

Soffega tua furia, não a figas.

Nunca conselhou bem: nunca deu tempo

De remedio a algum mal a ira. Sempre

Traz arrependimento sem remedio.

Oue minha razão, minh'innocencia.

Culpa he, Senhor, guardar amor constante

A quem mo tem? se por amor me matas,

Que farás ao imigo? amey teu filho,

Não o matey: amor amor merece;

Estas são minhas culpas: estas queres

Com morte castigar? em que a mereço?

Pach. Dona Ines, contra ti he a sentença dada.

Despide essa tu'alma desse corpo

Em bom estado, & seja prestes mente

Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

Cast. O' meus amigos porque não tiraes

El Rey de ira tamanha? a vos me vou,

Em vos busco socorro: ajuday me hora

Pedirlhe piedade: ò caualeiros

Que as tristes prometestes defender,

Defendeime, que mouro injustamente.

Se me vos não defendeis, vos me mataes.

Coelh. Por magoa dessas lagrimas te rogo

Que este tempo, que tês, ainda que estreito,

Tomes para remedio da tu'alma.

O que el Rey em ti faz, faz com justiça.

Nos o trazemos ca, não com tencaõ

De sermos em ti crus: mas de saluarmos

Este Reyno, que pede esta tua morte.

Que nunca, ò Deos quifera que tal meo

Nos fora necessario: a el Rey perdoa,

Que crueza não faz: se a nos fazemos

Por ti ante o grã Deos serã pedida

Vingança justa , se te não parece
 Que perdaõ merecemos nas tenções ,
 Com que el Rey conselhamos : ò ditosa ,
 Dona Ines, tua morte : pois só nella
 Se ganha hũa geral vida a todo reyno.
 Bem ves por tua causa como estaua ,
 Alem desse peccado , em que te tinha
 O Iffante forçada (que assim o cremos)
 Mas pois para remedio he necessario
 A morte sua, ou tua , he necessario
 Que tu sofras a tua com paciencia ,
 Que isso te ficará por mayor gloria
 Que aquella, que esperauas ca do mundo.
 E quanto mais injusta te parece
 Tanto mais justa gloria la terás ,
 Onde tudo se paga por medida.
 Nos, que a teu parecer mal te matamos ,
 Não viuiremos muito : la nos tens
 Antes de muito tempo ant'esse trono
 Do grã Iuiz, onde daremos conta
 Do mal, que te fazemos. Não ouuiste
 Ia das Romãs, & Gregas com que esforço
 Morreram muitas só por gloria sua?
 Morre pois , Castro, morre de vontade ,
 Pois não pode deixar de ser tua morte.
Cast. Triste pratica, triste! cru conselho
 Me das : quem o ouuira ? mas pois ja mouro,
 Ouueme Rey Senhor : ouue primeiro
 A derradeira voz dest'alma triste.

Co estes teus pès me abraço, que não fujo.

Aqui me tês segura.

Rey. Que me queres?

Cast. Que te posso querer, que tu não vejas?

Perguntate a ti mesmo o que me fazes.

A causa, que te moue a tal rigor.

Dou tua consciencia em minha proua.

S'os olhos de teu filho s'enganaram

Com o que viram em mim, que culpa tenho!

Pagueilhe aquelle amor com outro amor,

Fraqueza costumada em todo estado.

Se contra Deos pequei, contra ti não.

Não soube defenderme, deime toda.

Não a inimigos teus, não a traydores,

A que algũs teus segredos descobrisse

Confiados a mim, mas a teu filho

Principe deste Reyno. Ve que forças

Podia eu ter contra tamanhas forças.

Não cuidava, Senhor, que t'offendia.

Defenderasmo tu, & obedecera.

Inda que o grand'amor nunca se força:

Igualmente foy sempre entre nos ambos:

Igualmente trocamos nossas almas.

Esta que te hora fala, he de teu filho.

Em mim matas a elle: elle pede

Vida par'estes filhos concebidos

Em tanto amor, Não ves como parecem

Aquelle filho teu! Senhor meu, matas

Todos, a mim matando: todos morrem.

Não

Não sinto ja , nem choro minha morte ,
Inda que injustamente assi me busca ,
Inda que estes meus dias assi corta
Na sua flor indigna de tal golpe :
Mas sinto aquella morte triste , & dura
Pera ti , & pera o Reyno , que tam certa
Vejo naquelle amor , que esta me causa.
Não viuirá teu filho , dà lhe vida
Senhor, dandoma a mim: que eu me irey logo
Onde nunca appareça ; mas leuando
Estes penhores seus , que não conhecem
Outros mimos , & tetas senão estas ,
Que cortar lh'ora queres ; hay meus filhos
Choray , pedi justiça aos altos ceos.
Pedi misericordia a vosso auô
Contra vos tam cruel , meus innocentes.
Ficareis cà sem mim , sem vosso pay ,
Que não poderá veruos sem me ver.
Abraçayme , meus filhos , abraçayme.
Despediuos dos peitos , que mamastes.
Estes sós foram sempre : ja vos deixam.
Ah ja vos desempara esta mãy vossa.
Que achara vosso pay , quando vier :
Acharuosã tam sós , sem vossa mãy :
Não vera quem buscaua : vera cheas
As casas , & paredes de meu sangue.
Ah vejote morrer , Senhor , por mim.
Meu Senhor , ja que eu mouro , viue tu.
Isto te peço , & rogo : viue , viue.

Em-

Empara estes teus filhos , que tant'amas.
 E pague minha morte seus desastres,
 Se algũs o esperauam. Rey Senho
 Pois podes socorrer a tantos males,
 Socorreme, perdoame: naõ posso
 Falar mais. Naõ me mates, naõ me mates.
 Senhor naõ to mereço.

Rey. O' molher forte!
 Vencesteme, abrandasteme: eu te deixo.
 Viue, em quanto Deos quer.

Ch. Rey piadoso
 Vive tu, pois perdoas: moura aquelle,
 Que sua dura tençaõ leua adiante.

Pacheco. *Rey.* *Coelho.*

OH Senhor, que nos matas! que fraqueza
 Essa he indigna de ti? de hum real peito?
 Vencete hũa molher, & estranhas tanto
 Vencer assi teu filho? que ja agora
 Terá desculpa honesta: não te esqueças
 Da tençaõ taõ fundada, que te trouxe.

Rey. Naõ pôde o meu sprito consentir
 Em crueza tamanha.

Pach. Mõr crueza
 Fazes agora ao Reyno: agora fazes
 O que faz a pouca agoa em grande fogo.
 Agora mais s'acende, arderá mais

O fo:

O fogo de teu filho : a que viste!

A por em mor perigo teu estado ?

Rey. Vejo aquella innocente, chora m'alma.

Coelh. O animo Real tam firme, & forte

A de ser no que faz, que nunca possa
Debaixo do ceo nada peruertelo.

A justiça, Senhor, pintase armada

D'espada aguda, contra cujos fios

Naõ possa auer brandura, nem dureza.

Cada hum destes extremos he grã vicio

Em quem he pay comum de todo hũ Reyno.

Despois da conta feita, & razoës claras,

Despois de taes conselhos em que viste

Quam necessaria era esta tua vinda,

Quam necessario o effeito, a que viste,

Se muda assi, Senhor, tam leuemente

Por lagrymas teu animo constante?

Antes naõ cometteras, nem cuidaras

Cometter isto, porque naõ vieras

Acrefcentar o mal, que agora vejo

Que fica ja de todo sem remedio.

Rey. Naõ vejo culpa, que mereça pena.

Pach. Inda hoje a viste, quem ta esconde agora!

Rey. Mais quero perdoar, que ser injusto.

Coelh. Injusto he quem perdoa a pena justa.

Rey. Peque antes nefs'estremo, que em crueza.

Coelh. Naõ se consente o Rey peccar em nada.

Rey. Sou homem.

Coelh. Porem Rey.

Rey.

Rey. O Rey perdoa.
Pach. Nem sempre perdoar he piadade.
Rey. Eu vejo hũa innocente, mãy de hũs filhos
 De meu filho, que mato juntamente.
Coelh. Mas dás vida a teu filho, saluas lh'alma,
 Pacificas teu reyno: a ti seguras.
 Restitues nos honra, paz, descanso.
 Destrues a traydores; cortas quanto
 Sobre ti, & teu neto se tecia.
 Offensas, Senhor, publicas naõ querem
 Perdaõ, mas rigor grande. Daqui pende
 Ou remedio d'hum reyno, ou queda certa.
 Abre os olhos às causas necessarias,
 Que te mostramos sempre, & que tu vias
 Cuida no que empredeste, & no que deixas,
 O odio de teu filho contra ti,
 Contra nòs tal serâ, como qual fora,
 Fazendose, o que deixas por fazer.
 A ti ficam seus filhos, amaos, honraos.
 Affi lh'amanfaras grã parte da ira.
 Senhor, por teu estado te pedimos:
 Polo amor do teu povo, com que t'ama,
 Polo com que sabemos que nos amas:
 Por mais vida, e mais honra de teu filho,
 Principe nosso: & por aquelle seu
 Fernando vnico herdeiro, cuja vida
 Te está pedindo justamente a morte
 Desta molher, em fim por honra tua,
 Pola constancia firme, com que sempre

Acodiste òs remedios, & a justiça,
 Que a não deixes agora: que te mouam
 Mais estas razões fortes, que essa magoa
 Injusta, que despois chorarás mais,
 Perdendo esta occasião, que Deos te mostra.

Rey. Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.

Vos outros o fazey, se vos parece
 Iusticia, assi matar quem não tem culpa.

Coelh. Essa licença basta: a tenção nossa
 Nos saluara cos homês, & com Deos.

Ch. Em fim venceo a ira, cruel imiga
 De todo bom conselho: ah quanto podem
 Palauras, & razões em peito brando!
 Eu vejo teu sprito combatido
 De mil ondas, ò Rey: bom he teu zelo:
 O conselho leal: cruel a obra.

Rey. Por crueza julgaes o que he justiça!

Ch. Cruenza a chamara tod'outra idade.

Rey. Minh'alma innocente he, conselho figo.

Ch. Deos te julgue: eu não ouso; porem temo.

Rey. Que temes?

Ch. Este sangue, que aos ceos brada,

Não culpamos a ti: nem desculpamos

As descorteses mãos de teus ministros

Constantes no conselho, crus na obra.

Ay vêes que crueldade? ò nunca visto

Mais innocente sangue! & como sofres

O Rey tal injustiça? ouues os brados

Da innocente moça? ouues os choros

Dos

Dos innocentes filhos? triste Iffanta
 Ali passam tu'alma teus vassallos,
 De teu sangue os crueis tingem seus ferros.
 Rey. Afrontale minh'alma: ô quem podera
 Desfazer o que he feito!

Choro.

IA morreo Dona Ines, matoua Amor;
 Amor cruel! se tu tiueras olhos,
 Tambem morreras logo: ô dura morte
 Como cusaste matar aquella vida?
 Mas não mataste: melhor vida, & nome
 Lhe deste do que cá tinha na terra.
 Este seu corpo só gastará a terra,
 Por quem estará chorando sempre o Amor,
 Honrandose sómente do seu nome.
 Mas quem a quiser ver com outros olhos,
 Outro nome, outra gloria, outra honra, & vida
 Lhe achará, contra a qual não pode a morte.
 Aquelles matas tu sómente, ô morte,
 Cujos nome s'esquece; & a quem na terra
 Fica de todo sepultada a vida.
 Mas esta viuirá, em quanto o Amor
 Entr'os homê's reynar, & sempre os olhos
 De todos a verâm com melhor nome.
 Real amor lhe dará Real nome.
 O que coroa lhe aparelha a morte!
 Depois que lhe cerrou os claros olhos

Indignos d'ante tempo irem à terra,
 Sem quem sô fica, & desarmado Amor;
 Sem quem quam triste, lffante, a tua vida!
Tu es o que morreste, aquella vida
 Era tua; ja agora aquella nome
 Que tau doce te fez sempre o amor,
 Triste to tem tornado a cruel morte.
 Chorando a andarãm sempre na terra
 Te que nos ceos a vejam effes teus olhos.
Nem auerã ja nunca no mundo olhos,
 Que não chorem de magoa de hũa vida
 Assi cortada em flor: & quem a terra
 For ver, em que estiuer escrito o nome
 Della, dirã: aqui estã chorando a morte
 De magoa do que fez, aqui o Amor.
Amor quanto perdeste nũs sós olhos,
 Que debaixo da terra pds a morte,
 Tanto elles mais terãm de vida, & nome.

Saficos.

Choremos todos a Tragedia triste
 Que esta crua morte deixarã no mundo.
 Ia aquella espirito, que tambem viuia
 Em ti, ô Castro, vay aos ceos voando.
 Ia aquella sangue purpureo, innocente
 Forçadamente desempara os membros,
 A que elle daua aquella cor, & graça,
 Que a natureza mais perfeitamente

For:

Formar podera nesta, ou outra idade.
 Assi a regiaõ, que vê nascer o sol,
 Como a regiaõ, onde o sol se esconde,
 Assi aquella, que ao feruente Cancro,
 Como aquell'outra, que â fria môr Vrsa
 Estaõ sôgeitas, esta magoa chorem.
 Iax a cottada no seu sangue enuolta
 Aos pés dos filhos, pera quem fugia,
 Não lhe valeram, que não tinham forças
 Pera tomarem os agudos ferros,
 Com que seus peitos tam trossamente
 Traspassar viam aquelles crueis.
 O' mãos tam duras, ô coraçõs duros,
 Como podestes fazer tal cruexa?
 Outras mãos venham, que volas arranquem
 Com môr cruexa.
 Que duros Getas, mas que Liões, que Vffos
 Não amansára tam fermoso rosto?
 Que ira tam braua não tornára branda
 Hũa só magoa de tam doce boca?
 Que mãos tão cruas não ataram logo
 Aquelles crespos seus ricos cabellos?
 Aquelles olhos em que pedras duras
 Não imprimiram brandura: ô que magoa!
 O que cruexa tam fera, e tam bruta!
 Moça innocente por amor só morta:
 Com gente armada, como forte inimigo.
 Tu, Deos, que o viste, ouue o clamor justo
 D'aquelle sangue, que t'estâ pedindo
 Crua vingança.

ACTO V.

*Iffante.**Messageiro.*

O Vtro ceo, outro sol me parece este
 Diferente daquelle, que lâ deixo
 Donde parti, mais claro, e mais fermoso.
 Onde não resplandecem os dous claros
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.
 Aquelle he só meu sol, a minha estrella,
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente
 Que Venus, quando mais clara se mostra.
 Daquelles olhos s'alumia a terra,
 Em que sombra não ha, nem nuuem escura
 Tudo ali he tam claro, que tê a noite.
 Me parece mais dia, que este dia.
 A terra ali s'alegra, & reuerdece
 Doutras flores mais frescas, & melhores.
 O ceo se ri, & se doura diferente
 Do que neste Orifonte se mostra.
 O soberbo Mondego com tal vista
 Parece que ao grã mar vay fazer guerra.
 Doutros ares respira ali a gente,
 Que fazem immortaes os que la viuem.
 O Castro, Castro, meu amor constante!
 Quem me de ti tirar, tireme a vida.
 Minh'alma la ma tens, tenho câ a tua.

Mor.

Morrendo hũa destas vidas , ambas morrem.
 E auemos de morrer ? pode vir tempo
 Que ambos nos naõ vejamos ? nem eu possa,
 Indo bulcarte, ô Castro, acharte la ?
 Nem achar os teus olhos tam fermosos ,
 De que os meus tomam luz, & tomam vida !
 Naõ posso cuidar nisto , sem os olhos
 Mostrarem a saudade, que me fazem
 Tam tristes pensamentos. Viuiremos
 Muitos annos, & muitos : viuiremos
 Sempre ambos nest'amor tam doce, & puro.
 Raynha te verey deste meu reyno,
 D'outra noua coroa coroadã
 Differente de quantas coroarã
 Ou de homês, ou molheres as cabeças.
 Entaõ seraõ meus olhos satisfeitos :
 Entaõ se fartarã da gloria sua
 Est'alma, que anda morta de desejos.

Mess. O triste noua, triste mensageiro
 Tens ante ti , Senhor,

Iffant. Que nouas trazes ?

Mess. Nouas crueis; cruel sou contra ti,
 Pois m'atreui trazelas: mas primeiro
 Soffega teu sprito: & nelle finge
 A môr defaentura, que te agora
 Podia acontecer: que grã remedio
 He ter o sprito armado à mã fortuna.

Iffant. Tensme suspenso: conta: que acrescentas
 O mal com a tardança.

Mess. He morta Dona Ines, que tanto amauas.
Iffant. O Deos, ò ceos! que contas? que me dizes?

Mess. De morte tam cruel, que he noua magoa
 Contarta: não me atreuo.

Iffant. He morta!

Mess. Si.

Iffant. Quem ma matou?

Mess. Teu pay, com gente armada

Foy hoje salteala: a innocente,

Que tam segura estava, não fugio.

Não lhe valeo o amor com que te amaua.

Não teus filhos, com quem se defendia.

Não aquella innocencia, & piedade,

Com que pedio perdaõ aos pés lançada

D'elRey teu pay, que teue tanta força

Que lho deu já chorando: mas aquelles

Cruéis ministros seus, & conselheiros

Contr'aquelle perdaõ tam merecido

Arrancando as espadas se vão a ella

Traspassandolh'os peitos cruelmente;

Abraçada cos filhos a mataram,

Que inda ficãram tintos do seu sangue.

Iffant. Que direy? que farey? que clariarey?

O fortuna! o crueza! o mal tamanho!

O minha Dona Ines, o alma minha

Morta m'es tu! morte ouue tam ousada

Que contra ti podesse? ouço, & viuo?

Eu viuo, & tu es morta! o morte crua?

E

Mor

Morte cega mataste minha vida
 E não me vejo morto' abra-se a terra.
 Soruame num momento! rompas'alma,
 Apartese de hum corpo tam pesado,
 Que ma detem por força.
 Ah minha Donz Ines, ah, ah minh'alma!
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
 Minh'esperança só, minh'alegria
 Matâramte? matâramte! tua alma
 Innocente, fermosa, humilde, & sancta
 Deixou já seu lugar! ah de teu sangue
 S'enchêram as espadas? de teu sangue?
 Que espadas tam crueis, que crueis mãos!
 Ah como se mouêram contra ti!
 Como tiueram forças, como fios
 Aquelles duros ferros contra ti?
 Como tal consentiste Rey cruel?
 Imigo meu, não pay, imigo meu!
 Porque assi me mataste? o Liões brauos!
 O Tygres, ô serpentes! que tal sede
 Tinheis deste meu sangue, porque causa
 Vos não vinheis em mim fartar vossa ira?
 Matareisme, & viuêra: homês crueis
 Porque não me matastes? meus imigos,
 Se mal vos merecia, em mim vingareis
 Esse mal todo. Aquella ouelha mansa
 Innocente, fermosa, simplex, casta
 Que mal vos merecia? mas quifestes
 Como imigos crueis buscar-me a morte

Naõ da vida, mas d'alma: ò ceos, que vistes
 Tamanha crueldade, como logo
 Naõ cahistes! O montes de Coimbra
 Como naõ sourestes taes ministros!
 Como naõ treme a terra, & s'abre toda!
 Como sustenta em si tam grã crueza!

Mess. Senhor pera chorar fica affaz tempo:
 Mas lagrimas que fazem contr'a morte!
 Vay ver aquelle corpo, vay fazerlhe
 As honras, que lhe deues.

Ifant. Tristes honras!
 Outras honras, Senhora, te guardaua:
 Outras se te deuiam: ò triste, triste!
 Enganado, nascido em cruel signo,
 Quem m'enganou? ah cego que naõ cria
 Aquellas ameaças! mas quem crera
 Que tal podia ser!
 Como poderei ver aquelles olhos
 Cerrados pera sempre! como aquelles
 Cabellos ja naõ de ouro, mas de sangue?
 Aquellas mãos tam frias, & tam negras,
 Que antes via tam aluas, & fermosas!
 Aquelles brancos peitos traspassados
 De golpes tam crueis? aquelle corpo,
 Que tantas vezes tiue nos meus braços
 Viuo, & fermoso, como morto agora,
 E frio o posso ver! hay como aquelles
 Penhores seus tam sós! ò pay cruel!
 Tu naõ me vias nelles! meu amor

Ia me não ouues! ja não te ey de ver?
 Ia te não posso achar em toda a terra!
 Chorem meu mal comigo quantos m'ouuem.
 Chorem as pedras duras, pois nos homēs
 S'achou tanta crueza. E tu Coimbra
 Cubrete de tristeza para sempre.
 Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
 Senão prantos, & lagrimas: em sangue
 Se conuerta aquella agoa do Mondego.
 As arvores se sequeem, & as flores.
 Ajudem-me pedir aos ceos justiça
 Deste meu mal tamanho.
 Eu te matey, Senhora, eu te matey!
 Com morte te paguei o teu amor.
 Mas eu me matarey mais cruelmente
 Do que te a ti matâram, senão vingo
 Com novas crueldades tua morte.
 Par'a a isto me dê Deos sómente vida.
 Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.
 Arranque delles hūs coraçōes feros,
 Que tal crueza oufaram: entam acabe.
 Eu te perseguirey, Rey meu imigo.
 Laurarã muito cedo brauo fogo
 Nos teus, na tua terra, destruidos
 Veraō os teus amigos, outros mortos,
 De cujo sangue s'encherãō os campos,
 De cujo sangue correrãō os rios,
 Em vingança daquelle: ou tu me mata,
 Ou fuge da minh'ira, que ja agora

Tragedia.

69

Te não conhecerá por pay : imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'es pay , não sou filho, imigo sou.
Tu, Senhora, estás la nos ceos, eu fico
Em quanto te vingar : logo la voô.
Tu seras ca Raynha, como foras.
Teus filhos, só por teus seraõ Iffantes.
Teu innocente corpo será posto
Em estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, tê que deixe
O meu corpo co teu; & la va est'alma
Descansar com a tua pera sempre.

F I M.



Res
4708 P

De chanter com a tua pera sempre.
 O meu corpo co teu; & a va est' alma
 M'acompanhara sempre, e' que deixes
 Em estado Real: o teu amor
 Teu innocente corpo sera posse
 Teus filhos, lo por teus seras filhas.
 Tu seras cu Rayas, como lotas.
 Sim quanto te vingar: logo la voo.
 Tu, Senhora, chasla nos ceos, cu fico
 Nad m'es pay, nad sou filho; imigo sou.
 Me chamo teu, imigo teu me chama.
 Te nas conhecta por pay: imigo

F I M.



